



III SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA UEG

IMAGENS DE FOLIAS NAS DEVOÇÕES AO DIVINO ESPÍRITO SANTO — PIRENÓPOLIS/GOIÁS

*João Guilherme de Trindade Curado*¹

Universidade Estadual de Goiás

Pirenópolis, Goiás, Brasil

joaojgguilherme@gmail.com.br

*Tonianny Matheus Vieira*²

Universidade Estadual de Goiás

Pirenópolis, Goiás, Brasil

toniannymvieira@gmail.com.br

Resumo: Os estudos sobre a história possibilitou uma recente valorização do patrimônio e da representatividade de algumas manifestações culturais para a comunidade que as produzem, como por exemplo, as festas. E é por meio das Folias do Divino Espírito Santo que acontecem em momentos antecedentes à Pentecostes, a cada ano em Pirenópolis, que se pretende, por meio de diálogos entre diversas áreas do saber, com foco para os registros fotográficos produzidos em especial no ano de 2013, a participação e as representações da comunidade pirenopolina junto aquele patrimônio cultural brasileiro. Recorreremos, ainda, a autores da História que utilizam de metodologias de investigação pautadas em imagens, assim como teóricos de outras áreas do conhecimento que possuam estudos sobre a importância da fotografia não só como registro de uma dada cena, mas como possibilidade de captar fragmentos imperceptíveis a um olhar menos atento, conforme expos Benjamin (1994). Assim a fotografia, pode ser considerada um importante suporte para se estudar a história, a tradição e o patrimônio de uma localidade, principalmente quando voltadas para festas de grande expressividade cultural e plástica.

Palavras-chave: Folia; Imagens; Fotografia; Pirenópolis

¹ Doutor em Geografia. Universidade Estadual de Goiás — Unidade Universitária de Pirenópolis.

² Acadêmico vinculado a Universidade Estadual de Goiás por meio do Programa de Bolsa de Iniciação Científica PBIC/UEG pelo projeto: “Girando Folia: apontamentos turísticos e gastronômicos em uma das devoções ao Divino Espírito Santo – Pirenópolis/Goiás” e também ao Projeto: “Arte e saberes nas manifestações católicas populares” aprovado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás — Fapeg.

A diferença entre técnica e a magia é uma variável totalmente histórica
(Walter Benjamin, 1994, p. 95)

A primeira descrição conhecida, que se tem sobre a Folia do Divino em Goiás advém do francês Auguste Saint-Hilaire que passou pelas terras de Goiás em 1819, que nos conta: “encontrei na mata um bando de gente a cavalo, conduzindo burros carregados de provisões. Um dos homens levava um estandarte, outro um violão e um terceiro um tambor” (SAINT-HILAIRE, 1978, p. 96). Poucos goianos são capazes de ler o trecho citado sem imaginar a cena e os sons, uma vez que nossas raízes estão bastante ligadas às manifestações com estas características.

Chamamos ainda a atenção para o fato de que a passagem do botânico francês em Meia Ponte no decorrer do ano de 1819 coincide com os primeiros registros pirenopolinos oficiais sobre a Festa ao Divino Espírito Santo que sem tem conhecimento até os dias atuais (JAYME, 1971).

Muitos são os autores que pesquisaram sobre a Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis, sendo que alguns deles abordaram a Folia do Divino; no entanto, a produção audiovisual sobre a Folia é pequena e mais comumente encontrada no suporte de fotografias, como as existentes em Brandão (1978), Silva (2001), Maia (2002), Veiga (2002), Spinelli (2009) e ainda na publicação “Festa do Divino” de Freitas e Martins (2009), para citar alguns exemplos.

Vale ressaltar que a Folia possui uma grande plasticidade, tanto na cidade quanto na área rural, assim como sons e movimentos peculiares que precisam ser registrados e divulgados — desde o caminhar da Folia da rua ao galopar da Folia do padre e da Folia tradicional ou da roça. A enorme vivência pirenopolina com o rural acaba dando sentido ao título da pesquisa de Spinelli (2009): “Cavaleiros de Pirenópolis: etnografia de um rito eqüestre”, que descreve a Festa do Divino. O momento de chegada da Folia à cidade, depois de um giro com vários pousos é considerado um espetáculo a parte, e por isso mesmo já houve no passado próximo uma tentativa de apropriação pela mídia do ritual, como expôs Veiga (2005).

Sobre os registros relativos à Folia do Divino Espírito Santo que acontecem em Pirenópolis, há poucas informações anteriores ao século XX, das quais o que mais se destaca são os documentos da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Pirenópolis em que são registrados, nos Livros de Tombo descrições dos párocos em exercício e também a legislação

que era encaminhada pelos bispos diocesanos, sempre com o intuito de reprimir, se não proibir, tal manifestação do catolicismo popular.

Folia e Fotografia

Ao buscar registrar aspectos da Folia do Divino Espírito Santo que ocorre em Pirenópolis em momentos que antecedem o dia de Pentecostes, recorremos à produção de imagens, procurando realizar um “registro” imagético de tal manifestação popular. Para tanto aliamos conhecimentos prévios e técnicos sobre a arte de capturar imagens por meio de fotografias com as narrativas festivas das folias, festas da qual já participamos em várias outras ocasiões.

Desde o início levamos em consideração uma das observações propostas por Walter Benjamin, quando do estudo sobre “Técnica e Magia”, em que o autor afirma que: “a natureza que fala à câmara não é a mesma que fala ao olhar; é outra, especialmente porque substitui a um espaço trabalhado conscientemente pelo homem” (1994, p. 94). Assim o ato de fotografar se mostra como uma escolha, principalmente em relação a ângulos e iluminação, que artificialmente pode “corrigir” a cena a ser capturada.

No entanto, o mesmo autor, nos alerta para o fato de que “na fotografia, ser criador é uma forma de ceder à moda” (BENJAMIN, 1994, p. 105), por isso nos registros aqui propostos buscou-se a menor interferência possível desde o clicar do obturador até a disponibilização da imagem. Tal metodologia tem por suporte um registro mais documental que artístico, mesmo não deixando de sê-lo, pois a proposta é discutir a “não” interferência do pesquisador na festa — se é que isso é possível —, então esta situação de pesquisa teve o cuidado de pelo menos minimizar os “impactos”. Fato possível devido à tecnologia, em que “a câmara se torna cada vez menor, cada vez mais apta a fixar imagens efêmeras e secretas, cujo efeito de choque paralisa o mecanismo associativo do espectador” (BENJAMIN, 1994, p. 107).

Com o desenvolvimento de equipamentos fotográficos tornou-se possível registrar manifestações populares com deslocamentos rápidos e com muitos movimentos. Com o advento das máquinas digitais ampliou-se o número de “fotógrafos” presentes em todos os lugares e tempos, o que tem contribuído para a ampliação e divulgação da imagem como fonte de registro e de pesquisa, por vários meios comunicacionais, facilitando, inclusive o acesso a acervos de outros fotógrafos ou pesquisadores por meio das redes sociais, onde a imagem é intensamente “postada”.

Finalizando as contribuições expostas por Benjamim a esta investigação inicial, ressaltamos que o mencionado autor havia afirmado, tempos atrás (em 1931), que “o analfabeto do futuro não será quem não sabe escrever, e sim quem não sabe fotografar”, e amplia sua análise por meio de uma interrogativa: “mas um fotógrafo que não sabe ler suas próprias imagens não é pior que um analfabeto?” (BENJAMIN, 1994, p. 107).

Foi a partir destas indagações que nos propusemos a investigar a Folia do Divino Espírito Santo que ocorre em Pirenópolis por meio, também, de registros fotográficos, aliando um pouco de técnica à magia não só da produção de imagens, mas principalmente da busca de um suporte que registrasse fragmentos das crenças dos envolvidos nesta manifestação popular em devoção do Divino.

Fotografando a Folia

Poucos são os registros sobre a Folia do Divino Espírito Santo em Pirenópolis, no que se referem à sua origem. Basicamente são documentos dispersos localizados entre os arquivos da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Pirenópolis e informações que foram passando por gerações até chegarem ao presente momento. No entanto, no que se refere à fotografia o recuo ainda é mais nítido, pouco se tem ou foi exposto, relativo a período anterior à década de 1970, o que vai ao encontro do exposto por Tavares sobre a utilização da fotografia como documento histórico:

a fotografia registra a história há mais de cem anos. Porém só a partir dos debates suscitados (nas décadas de 50 e 60 do século passado) pela Nova História Francesa, quando se amplia o significado do termo documento, a historiografia passou a tratá-la como fonte de pesquisa — objeto de investigação e de interesse — e instrumento metodológico para a produção de conhecimento (TAVARES, 2007, p. 73).

Foram as reflexões sobre as possíveis contribuições que a produção de fotografias sobre a Folia podia deixar como legado às gerações atuais e futuras, que empreendemos as pesquisas de campo no ano de 2013, com o objetivo de registrar não apenas os rituais das folias, por serem eles já bastante conhecidos e até mesmo pesquisados. Optamos também por perceber as variadas dinâmicas durante os pousos de Folia empreendidos durante o “giro da Folia” — que consiste na trajetória circular que os partícipes empreendem seguindo as Bandeiras do Divino —, captando os acampamentos e as atividades ali desenvolvidas, desde a montagem das barracas destinadas ao abrigo noturno dos foliões, aos cuidados com os cavalos que transportam tais partícipes durante o “giro” e até mesmo os afazeres nas cozinhas improvisadas que muitos acampamentos de “turmas” possuem.

Partindo desta opção metodológica, de buscar registrar os foliões em momentos pouco conhecidos pela maioria das pessoas durante o “giro”, teve-se consciência de que “se a fotografia informa, ela também conforma determinada visão de mundo” (MAUAD, 2008, p. 22), e é este mundo rural, desapegado dos aspectos relacionados à materialidade e do conforto, em um misto de devoção e festa que foram registrados com a mesma preocupação que os rituais, mais conhecidos, compreendidos e frequentados durante a realização dos “pousos”.

A avaliação da produção realizada durante a Folia do Divino Espírito Santo em 2013 levou em consideração que:

a conjunção de uma problemática histórica, no trabalho com fotografias, e a procedência variada de olhares e abordagens que vêm sendo implementadas no trato com a imagem visual, resultou no surgimento de questões recorrentes aos diferentes trabalhos, hoje publicados. A partir da avaliação da produção recente é possível estabelecer três premissas para o trabalho crítico das imagens fotográficas do passado e do presente (MAUAD, 2008, p. 19).

Seguindo o raciocínio a autora aponta as três premissas para o tratamento crítico do material: a) a noção de série ou coleção; b) o princípio de intertextualidade e c) o trabalho transdisciplinar Mauad (2008).

No primeiro caso, atualmente com a solidificação cada vez maior da “sociedade da imagem” é quase impossível compreender a dinâmica de uma manifestação popular como, por exemplo, a Folia por meio apenas de imagem única, uma vez que há um mosaico de acontecimentos necessários para que o “Pouso de Folia” aconteça, e que precisam ser registrados e divulgados tanto quanto os rituais que constituem as etapas consideradas mais religiosas.

No que se refere à intertextualidade, uma clarividência é a percepção do contexto atual, por exemplo, do fato de que a fotografia é bastante divulgada e serve ainda para alimentar as redes sociais, por isso não é muito difícil encontrar foliões que juntam suas turmas para uma fotografia, cujo destino não é apenas registrar o momento, mas principalmente atender ao anseio de “compartilhar” o contexto com os que ali não estão presentes fisicamente.

Assim, pode se afirmar que a Folia atualmente possibilita um diálogo muito grande entre contextos e espaços diferentes, mesmo que remeta ao rural (por onde acontece) não dispensa, como no exemplo mencionado, as tecnologias disponíveis atualmente.

Em relação ao trabalho transdisciplinar — a terceira premissa apontada por Mauad (2008) —, a fotografia é uma fonte de contribuição indispensável, pois não se limita às artes, mas materializa, mesmo que virtualmente uma imagem, possibilitando interpretações da mesma por diferentes áreas do conhecimento; o que acaba reforçando a necessidade do ato de fotografar. A título de informação a presente pesquisa é um trabalho transdisciplinar por congregar diferentes áreas do saber: Gastronomia, História e Turismo.

Diante do exposto, há concordância de que:

a imagem visual engendra uma capacidade narrativa que se processa em determinada temporalidade. Estabelece, assim, um diálogo de sentidos com outras referências culturais de caráter verbal e não-verbal. As imagens nos contam histórias, atualizam memórias, inventam vivências, imaginando a história (MAUAD, 2008, p. 21-22).

Se em tempos passados eram poucas ou quase inexistentes a presença de fotógrafos nas Folias, o que exercita a interpretação atual de que em tempos pretéritos tal fato ocorria em virtude dos altos custos de se ter um equipamento ou de que a sociedade se pautava por outros meios que não o imagético. Tal ausência, do suporte de imagens, é uma importante pistas para revelar características dos hábitos e das técnicas existentes e disponíveis, o que acaba por demonstrar situações adversas: com o avanço da tecnologia e com a acessibilidade a equipamentos mudaram alguns costumes, enquanto outros permaneceram como sendo aspectos da cultura ou da tradição do povo pirenopolino, como demonstra a grande utilização de máquinas fotográficas ou mesmo câmeras de celulares nas Folias, que continuam sendo giradas a cavalo, mesmo com a popularização de meios de transportes mais modernos, como os automóveis.

Voltando à questão da imagem, e mais uma vez utilizando observações apontadas por Mauad que nos lembra que “os textos visuais, inclusive a fotografia, são resultados de um jogo de expressão e conteúdo que envolvem, necessariamente três componentes: o autor, o texto propriamente dito e um leitor” (MAUAD, 2008, p. 22). Assim sendo é importante salientar que os autores/pesquisadores, são pessoas que mantêm a fotografia como uma prática constante e que buscam realizar registros fotográficos das manifestações culturais que acontecem em Pirenópolis, em várias ocasiões. O texto propriamente dito, neste caso, se refere à Folia do Divino Espírito Santo, que por se constituir enquanto objeto da pesquisa precisa ser não apenas registrada, mas interpretada e analisada com o intuito de possibilitar a compreensão pelo leitor, que seria o terceiro componente, e talvez o mais significativo, pois

caso não haja compreensão por parte dele, as duas outras etapas perderiam o sentido de ser e de existir a ação por elas propostas.

Diante da situação exposta acima, o que se pretendeu fazer durante os pousos de Folia que aconteceram em 2013, foi promover um registro focado, em que imagens fotográficas retratassem não só os aspectos mais conhecidos e divulgados da Folia do Divino Espírito Santo, mas que contemplassem também ângulos pouco conhecidos pelo grande público que não frequenta uma Folia e que pouca consciência possui da grande preparação e logística que tal festividade exige para que aconteça a cada ano.

Os trabalhos que antecederam aos registros fotográficos foram intensos e complexos, iniciando com a descoberta do roteiro a ser seguido pela Folia, antes mesmo da divulgação da programação oficial, com o intuito de pesquisar anteriormente sobre o “pouso”, para tanto se recorreu a pouca bibliografia existente. Mas o que mais demandou tempo foi conversas com os Alferes, responsáveis pela organização do giro e dos pousos que tiveram paciência de explicar características e peculiaridades de cada um dos pousos. Diante de tais informações conseguimos montar um roteiro próprio da pesquisa, com horários diferentes de acordo com os espaços descritos pelos Alferes em que diferentes etapas dos rituais poderiam gerar melhores fotografias.

Em campo, propusemos a registrar todas as etapas da Folia, mas não de uma só vez, ou por um só ângulo ou olhar autoral de um fotógrafo. A equipe da pesquisa, munida de máquinas amadoras digitais seguia para os pousos com objetivos definidos: um observava a chegada da folia, outro se dirigia para os acampamentos em processo de montagem, outro acompanhava a transformação do pasto em frente da casa da fazenda em um pequeno centro comercial de comidas e bebidas. Também se ocupavam com a produção e distribuição de alimentos.

Uma grande vantagem na produção dos registros fotográficos sobre a Folia é que os rituais se repetem a cada novo pouso, o que facilitou a “repetição” do registro quando por algum motivo as fotografias não ficaram boas no pouso anterior.

Outras perspectivas relacionadas às imagens capturadas durante a Folia se referem não só ao conjunto de participes que muitas vezes se mostram recorrente, mas as alterações nas paisagens em função da produção dos momentos festivos que acontecem em cada fazenda por ocasião dos pousos e até mesmo do “giro”.

Observamos ainda que o distanciamento entre o modo de vida rural e o modo de vida urbano que são atualmente bastante semelhantes entre os pirenopolinos, principalmente no que se refere ao uso de tecnologias e na composição dos espaços de moradias em que

encontramos e registramos em imagens os utensílios domésticos. Tal prática ocorre em função da observação do “espaço de vivência”, que ainda de acordo com Mauad: “estão circunscritas as atividades, vivências e eventos que se tornam objeto do ato de fotografar. O espaço da vivência é concebido como uma categoria sintética, por incluir todos os espaços anteriores e por ser estruturada a partir de todas as unidades culturais” (MAUAD, 2008, p. 34).

As fotografias dos locais em que ocorremos pousos de Folia registram não só a paisagem adaptada temporariamente para receber os devotos do Divino Espírito Santo em dias que antecedem Pentecostes, mas indicam principalmente a sobreposição de paisagens, com destaque para os aspectos geográficos que poucos são alterados para a festa, mas indicam principalmente as adaptações exigidas para receber a Folia e todas as etapas ritualísticas que constituem tal manifestação.

As propriedades rurais são abertas ao público, transformando a outrora área privada em espaço de circulação de inúmeros conhecidos e desconhecidos, cujo ponto de intersecção se caracteriza pela devoção ao Divino Espírito Santo e que acaba irmanando pela fé e pela devoção.

Considerações Finais

Inicialmente há de se considerar que “há mais de cem anos a fotografia vem registrando a história numa linguagem de imagens. No entanto, só recentemente a historiografia passou a tratá-la como objeto de investigação” (MAUAD, 2008, p. 19). Diante desta nova tendência as imagens produzidas no passado e que se limitavam ao círculo familiar como memória da participação e integração de membros das famílias nas Folias, hoje possuem o caráter documental que possibilitam melhor e mais ampla análise dos “giros” e dos pousos de Folia realizados pelo município de Pirenópolis.

Se do passado emergiram poucas imagens de Folia, no presente propomos uma alteração significativa ao efetivarmos um registro com base documental e metodológica que possibilita uma análise contextualizada da Folia no ano de 2013, mas que também gera como resultado um acervo fotográfico significativo que poderá servir de suporte em outras investigações de naturezas diversas.

Considerando que a Folia do Divino Espírito Santo é uma manifestação constituinte dos aspectos culturais de Pirenópolis, explica o fato de tal manifestação ter ser incluída no inventário que foi promovido com o intuito de se conseguir o Registro da Festa do Divino

Espírito Santo que ocorre em Pirenópolis como Patrimônio Cultural do Brasil, desde o ano de 2010.

Desde então é uma preocupação a continuidade das investigações dos resultados que tal título proporciona à Festa do Divino, aqui com foco para a Folia, foi daí que procuramos promover a pesquisa que acabará também o ano de 2014, o que poderá gerar dados capazes de promover comparações entre pelos menos duas edições, por meio de imagens fotográficas já produzidas e as que ainda serão.

Diante das experiências conseguidas em um primeiro momento, o ponto crucial a ser mencionado advém dos conhecimentos prévios sobre a Folia, o que em muito facilitou o transito dos pesquisadores pelos espaços festivos, desde os geográficos aos ritualísticos, que se sobrepondo uns aos outros possibilitam as transformações de fazendas voltadas às atividades agropecuárias em locais que se transformam como *lócus* de manifestações da religiosidade popular por ocasiões perenes como as Folias, mas que exigem enormes transformações para este intento, o que pode decorrer temporalmente o período que abarca em até um ano.

Propomos como reflexão final o caráter da magia e da técnica ao relacionarmos Folia e Fotografia, não necessariamente nesta ordem, já que tanto a festa como o instrumento de seu registro, pode ser consideradas ambas as coisas, uma vez que delas se imbuírem para se fazerem presente na vida dos pirenopolinos.

Referências

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O Divino, o Santo e a Senhora. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1978. 163p.
- BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 253p.
- FREITAS, Aretilson; MARTINS, Cristina. Festa do Divino. Bogotá/Colômbia: Escala S.A, 2009. 131p.
- JAYME, Jarbas. Esboço Histórico de Pirenópolis. Goiânia: UFG, 1971. Vols. I e II. 624p.
- MAIA, Carlos Eduardo Santos. Enlaces Geográficos de um Mundo Festivo – Pirenópolis: a tradição cavalheiresca e sua rede organizacional. Rio de Janeiro: PPGG/UFRJ, 2002. 300 f. (Doutorado em Geografia).

MAUAD, Ana Maria. Fotografia e história — possibilidades de análise. In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (Orgs.). *A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008. pp. 19-36.

SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem à Província de Goiás*. Trad. Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte/São Paulo: Ed. Itatiaia/Edusp, 1975.

SILVA, Mônica Martins da. *A festa do Divino: Romanização, patrimônio e tradição em Pirenópolis (1890-1988)*. Goiânia: Agepel, 2001. 229p.

SPINELLI, Céline. *Cavaleiros de Pirenópolis: etnografia de um rito eqüestre*. Rio de Janeiro: PPGSA/UFRJ, 2009. 212f. (Mestrado em Sociologia).

VEIGA, Felipe Berocan. *A Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis, Goiás: polaridades simbólicas em torno de um rito*. Niterói: PPGACP, 2002. 220f. (Mestrado em Antropologia e Ciência Política).

_____. *A folia continua: vida, morte e revelação na Festa do Divino de Pirenópolis, Goiás*. In: CARVALHO, Luciana (Org.). *Divino Toque do Maranhão*. Rio de Janeiro: IPHAN/CNFCP, 2005. pp. 83-94.

TAVARES, Ruth de Fátima Oliveira. *Fotografia e história: olhar e interpretação*. In: Revista Meditação. Pires do Rio: Universidade Estadual de Goiás, vol. 2, nº 2, 2007. pp. 73-82.